



## **PIBID FILOSOFIA – UNIOESTE**

### **NOME DO BOLSISTA: ARIELLE KANT LAVARDA RELATO AVALIATIVO DA EXPERIÊNCIA NO PIBID**

Em 2015, certezas que mudaram, sonhos que começaram a se concretizar, planos que foram realizados e descobertas feitas que foram as principais engrenagens das mudanças que aconteceram. Curiosamente este também foi o ano em que descobri o PIBID, logo ao entrar no curso de Filosofia Licenciatura, e foi ele quem protagonizou e permitiu as maiores mudanças na minha vida. Foi com ele que percebi que eu realmente queria ser professora, com ele que vi minha real aptidão e um amor novo que surgiu do estudo dos pequenos detalhes de filosofia e o ensino. Engraçado que parece que eu entrei no PIBID para fazer filosofia, e não o contrário, já que desde o ensino médio pensava em ser professora, mas não decidia qual área iria ensinar; ao entrar no projeto começamos a dividir os grupos das escolas e os trabalhos a serem feitos no ano; por sorte nosso grupo era um dos maiores do país e tínhamos várias escolas diferentes para trabalhar: da periferia ao centro, do colégio com maior infraestrutura para o que não recebia reformas há anos; a diferença das necessidades da escola moldava os grupos de formas totalmente distintas, o que enriquecia o trabalho do grupo geral, trazendo diversas novas formas de ver o ensino e o trato com os alunos. Ao estarmos em contato com professores que trabalham há anos, tínhamos a oportunidade de aprender com eles diversas coisas que demorariam anos para que percebêssemos, como tratar as diferenças dos alunos na sala de aula, planejar o tempo, administrar o conteúdo; quem vê de fora acha ser apenas uma conversa de um estagiário com um professor, mas para os licenciandos que tiveram a oportunidade de estar em contato dessa forma com certeza foi uma enorme experiência e aprendizado poder escutar e aprender com professores reais, que sofreram as mazelas do ensino, que pensam dia-a-dia como tornar o conteúdo mais atrativo ao aluno, professores dinâmicos, que tinham também, com o PIBID, a oportunidade de se atualizarem em suas profissões, aprender coisas novas tanto quanto os menos experientes, renovando o ensino ofertado nessas diversas escolas participantes do projeto.

Falando de experiências pessoais, em três anos de PIBID participei de duas escolas, que por sorte eram completamente diferentes e agregaram muitíssimo na minha formação. A primeira era uma escola periférica, a escola mais distante da UNIOESTE, mas que de longe foi a que mais me proporcionou abertura de visão para o nosso mundo real. Minhas atividades na escola eram no período noturno, onde a maioria dos alunos, se não todos, eram trabalhadores durante o dia e estudantes durante a noite; o que muda em muito a dinâmica de aula. Nesse meu primeiro ano de PIBID realizamos uma oficina didática na escola, que foi construída durante o primeiro semestre e apresentada no segundo. Foi uma oficina muito bem aceita na escola, exploramos alguns conceitos de Kant, que apesar de ser um filósofo de difícil compreensão, foi grandemente aceito pelos alunos, compreendido e discutido, mas o mais inesquecível mesmo eram as caras

deles durante a apresentação; a animação após a oficina nas discussões e conversas com os pibidianos; a troca de opiniões e conhecimentos; e no final uma grande salva de palmas e muitos agradecimentos, também de professores de outras matérias que se fizeram presentes, pelo ótimo trabalho em fazer a filosofia ser compreendida por pessoas com baixo grau de leitura e instrução abaixo da média. Ainda no primeiro semestre desse ano fizemos uma intervenção na escola com fotos e relatos do massacre de 29 de abril daquele mesmo ano. Aproveitamos que a cena ainda estava fresca na memória de todos e provocamos discussões após um vídeo feito pelos próprios alunos da UNIOESTE. Alguns pibidianos denunciavam toda a situação antes e após o fatídico dia. A aceitação também foi grande, conseguimos passar a reflexão em todos os turnos, para a maioria dos alunos da escola, e foi extremamente efetivo para a compreensão deles da situação dos professores. No segundo ano de PIBID permaneci, na mesma escola, com o supervisor diferente, o que me proporcionou mais experiências ainda, mas já estava acostumada com o ambiente da escola e então me senti segura o suficiente para realizar minha primeira intervenção, que teve um clima muito leve e descontraído, os próprios alunos conversaram comigo dando dicas de como falar, do ritmo da fala, a sanar dúvidas e analisar meu primeiro trabalho solo enquanto pibidiana, o feedback informal e leve que eles me proporcionaram me tranquilizaram bastante sobre dúvidas e medos que eu tinha até aquele momento. Depois disso me senti muito mais hábil para lidar com questões referentes à docência e ao ensino de filosofia. Neste ano foi criada uma outra oficina didática, com o tema de política; estudamos Hannah Arendt e passamos os conceitos de uma análise sobre um governo totalitário, sendo mais aplaudida e bem aceita que a anterior, provocou muitos debates e novos interesses dos alunos em filosofia e em suas vidas no geral, a vida política, o papel do cidadão. No último ano que tive do PIBID, em 2017, fizemos um projeto diferente em cada escola; neste ano acabei indo para uma escola quase que o oposto da anterior: uma escola no centro, com alunos advindos de diversas partes da cidade, com uma infraestrutura melhor e dinâmica de ensino diferente. Cada grupo criou um projeto diferente e o nosso, após selecionar as diversas ótimas ideias, foi um Manual de Sobrevivência ao Ensino Médio, com três edições a cada mês no segundo semestre do ano. Abordamos temas variados como curiosidades, nascimento da filosofia, filosofia e cinema, normas da abnt, além do básico para o ensino médio: ENEM, Vestibulares e redação. O projeto foi muito bem aceito pelos alunos e elaborado de forma que a linguagem fosse acessível, com imagens para tornar mais atrativo ao aluno que não tem costume de ler. A ideia era o aluno ter um manual onde teria informações primordiais para seus últimos anos escolares que raramente são abordadas de forma significativa ao longo do ano. Sucesso. Conseguimos ajudar diversos alunos a estudar, a compreender como funciona as faculdades, o ENEM, SISU, Vestibulares, conteúdos, curiosidades, e outros temas do dia-a-dia que traria informações importantes que quase não são exploradas durante o ensino público no Brasil. Com isso atingimos nossa meta de ajudar diversos alunos perdidos a se encontrarem.

Mas além de tudo isso, da educação, cidadania, filosofia e o que mais pudermos ter passado aos alunos, é gratificante saber que fomos objetos de inspiração para diversos estudantes, e que pessoas apenas dois anos mais velhas que eles lhes dando aula através de um projeto público, de uma faculdade pública, puderam sonhar novamente em alcançar um objetivo que, talvez, antes, parecesse longe demais. Os depoimentos dos próprios pibidianos, as conversas com os alunos, tudo contribuiu para que estes tivessem mais possibilidades de sonhar, permitiu que eles almejassem algo que os levassem pra frente, que ajudou na evolução de diversas pessoas que participam da sociedade. Ou seja: PIBID, por atuar em escolas públicas, e por estas estarem em contato direto com a comunidade, também ajuda a mudar nossa sociedade diretamente, além de melhorar a qualidade do nosso ensino público.



Os alunos pibidianos com a Prof. Nelsi Kistemacher em uma das apresentações da oficina



Momento da oficina apresentada, nessa parte os alunos estudam os conceitos e os aplicam em acontecimentos reais do cotidiano



Uma das intervenções realizadas pela pibidiana Arielle Kant Lavarda



Uma das reuniões do grupo na escola nova em 2017